

Jornalismo e Literatura em Clarice Lispector: A Desconstrução da Entrevista Jornalística¹

Juliana PEREZ²

Esdra MARCHEZAN³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

As entrevistas da escritora e jornalista Clarice Lispector realizadas no fim da década de 60 – quando a mesma contribuía com a revista *Manchete* – compõem um registro ímpar do entrelaçamento entre o Jornalismo e a Literatura; uma convergência que deságua no almejado *diálogo possível* de Medina (2008). Este artigo aborda a desconstrução do gênero mais representativo do jornalismo a partir da análise das entrevistas clariceanas – um território em que não há obediência aos padrões, nem às técnicas que costumam sufocar o que é mais valioso em todo ser humano: o relato digno e humanizado de sua vida.

Palavras-chave: Literatura, Jornalismo, Entrevista, Clarice Lispector.

Para o observador mais desatento, o jornalismo e a literatura parecem ocupar espaços totalmente opostos. Enquanto o primeiro se preocupa em apurar e relatar com fidelidade os acontecimentos, a outra está envolvida com a fantasia e com o mundo das belas letras, sem nenhum aparente compromisso com a realidade.

No entanto, a primeira ligação entre essas duas áreas pode ser percebida logo no campo textual, local propício para o enlace dos elementos jornalísticos e literários. Nas entrevistas realizadas por Clarice Lispector pode-se perceber este comportamento: o mesmo espaço é permeado por componentes típicos da literatura e do jornalismo. E é neste ambiente textual – considerado uma unidade de manifestação e abrigo de conflitos e diálogos entre as várias formas de linguagens - que os processos comunicativos acontecem e os discursos se entrelaçam, pois, segundo Bakhtin (2006), nenhum discurso constroi-se sozinho. Ele sempre será atravessado, ocupado, por outro discurso. Dessa forma, a narrativa literária pode conter elementos característicos de outros campos do saber, como o jornalismo; assim como o produto final jornalístico pode conter resquícios literários.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada no Curso Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, email: perez.juliana@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Ms. do Curso Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, email: marchezansales@uern.br

É o que acontece com o texto jornalístico-literário, que possui marcas textuais pertencentes aos dois universos. Como resultado desse processo, surge um produto híbrido, que representa a busca de uma estrutura textual complexa característica da literatura para retratar a informação factual típica do jornalismo. Conforme Vicchiatti (2005), “o uso de elementos da literatura não implica a alteração das características intrínsecas do texto jornalístico”.

Literatura e jornalismo são dois territórios diferentes, mas não territórios separados por barreiras intransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos. Ao contrário, são tênues os limites entre eles, por vezes quase imperceptíveis. Mas que, com características bem marcadas e elementos distintos, em algumas manifestações têm a ousadia de usar os pontos de intersecção para construir uma narrativa quase híbrida. (VICCHIATTI, 2005, p. 84-85).

De naturezas tão próximas e por vezes tão distintas, o jornalismo e a literatura nasceram a partir da necessidade do ser humano em relatar o mundo que o rodeava, como também seu próprio mundo. Durante séculos, caminharam lado a lado, compartilhando do mesmo espaço. Isso porque a maioria dos jornalistas, antes de fazer parte das redações dos jornais, esteve inserida no mundo da literatura, o que provocou a inserção de elementos literários nos textos jornalísticos.

Somente no século XVIII, com a busca por definições – e a consequente diferenciação entre o jornalismo e a literatura – é que a separação entre ambos foi forçadamente realizada. Toda a subjetividade que havia na produção jornalística foi aniquilada pela objetividade na difusão dos fatos. Não era permitido ao jornalista nenhum tipo de envolvimento, a função dele era de apenas reportar o que havia acontecido.

Contrários a este pensamento, movimentos no mundo inteiro, como o que ocorreu nos Estados Unidos, conhecido por *New Journalism*, abriram as portas para a realização de um jornalismo com inspiração no fazer da literatura, cuja marca primordial era a liberdade da palavra.

Vivenciando esse contexto de intensas transformações tanto no jornalismo como na literatura, Clarice Lispector aponta sua produção jornalística para o rumo literário – caminho que aprendeu a percorrer ainda na infância. A primeira experiência como jornalista veio aos 20 anos, quando foi repórter da Agência Nacional. A primeira reportagem *Onde se ensinará a ser feliz* (sobre um lar para meninas carentes) foi publicada no *Diário do Povo*, de Campinas (SP) em 1941. Contribuiu ainda com vários jornais – *A noite*, *Jornal Comício*

(fundado por Rubem Braga), *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Jornal Última Hora* – além das revistas *Fatos & Fotos* e *Manchete*.

Propomo-nos, neste artigo, discutir onze das 59 entrevistas realizadas por Clarice Lispector na época em que ela contribuía com a Revista *Manchete* – no período de maio de 1968 a outubro de 1969. O que nos motivou a investigar tal objeto foi o comportamento de Lispector enquanto jornalista, que não hesita em transgredir e romper com todos os padrões exigidos pelo jornalismo da época. Além disso, importa ainda considerar sua produção jornalística, quase que totalmente ofuscada pelo seu trabalho como escritora.

O Eu com o Tu

Dos gêneros jornalísticos, a entrevista é a que mais define o jornalismo por ser o procedimento primordial para a apuração da realidade e por ser nela que o fazer jornalístico de fato acontece. “É uma expansão das consultas às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição dos fatos” (LAGE, 2005, p. 73). Todavia, seu sentido não se restringe somente à técnica de apuração dos acontecimentos, como afirma Medina (2008). A entrevista realizada apenas como método para obter respostas pré-programadas por meio de perguntas preestabelecidas prejudica o resultado do trabalho jornalístico e, por isso, a teórica defende este gênero como um diálogo possível e humano entre o entrevistador e o entrevistado.

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do *diálogo*. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (MEDINA, 2008, p. 5).

Vista como uma oportunidade de interação social, a entrevista promove a pluralização das vozes e uma conseqüente democratização da informação, já que rompe com os isolamentos grupais, individuais e sociais, enxergando o entrevistado enquanto pessoa e não apenas como objeto transmissor de informação. Caputo (2006) percebe a importância da postura aberta do entrevistador e acredita que este comportamento auxilia na busca de uma entrevista geradora de identificações com quem a lê. Contrário a este pensamento, Kunczik (2002) exige uma conduta mais rígida do entrevistador diante do entrevistado, mantendo-se distante. “O jornalista que se considera mediador não deve, em

nenhuma circunstância, dedicar-se basicamente à auto-representação subjetiva nem exercer o poder pessoal” (KUNCZIK, 2002, p. 100).

É nas entrevistas de Clarice Lispector que o diálogo possível – defendido por Medina (2008) – realmente acontece. A escritora-jornalista utiliza a linguagem literária dentro de uma das estruturas mais representativas do jornalismo e o resultado deste entrelaçamento é uma conversa feita não no palco da frieza de um jogo de perguntas e respostas – como defende o sistema de regras jornalísticas - mas na simplicidade do encontro entre duas pessoas, que se desprendem dos seus anseios e expõem – até – seus medos e mistérios mais ocultos.

Para entender as entrevistas de Lispector é necessário conhecer um pouco sobre o mundo que a rodeava, mas principalmente sobre o mundo que havia dentro dela, um território sem limites e, ao mesmo instante, repleto de barreiras que Lispector buscava ultrapassar incessantemente.

De origem ucraniana – nasceu em Tchetchelnik no dia 10 de dezembro de 1920 – Clarice se chamava Haia Lispector. A mudança do nome veio com a chegada ao Brasil junto com a família. Morando em Recife, começou a escrever ainda na infância. Na época, o *Diário de Pernambuco* dedicava uma página às produções literárias infantis, no entanto as de Clarice nunca foram publicadas. O motivo: não havia fatos em suas histórias, apenas a descrição do que ela sentia em relação às longas crises financeiras da família, assim como a paralisia da mãe e os extremos cuidados de sua irmã mais velha, Elisa. Os textos de Clarice refletiam apenas essas sensações. Característica que a acompanhou por toda uma vida e que podem ser percebidas tanto em suas entrevistas como em suas obras – ambas marcadas pela subjetividade e introspecção diante da vida e das coisas.

Para facilitar o entendimento, as entrevistas aparecerão inseridas em três categorias. A primeira delas é marca presente em todas as entrevistas de Clarice: a inversão de papéis entre o entrevistador e o entrevistado. A segunda trata da subjetividade das entrevistas clariceanas, que tem a vida como principal personagem; e, por fim, a terceira categoria expõe como se configura a estrutura da entrevista desenvolvida por Clarice em detrimento com o modelo de entrevista usualmente utilizado no jornalismo.

Mudança de Papéis: Entrevistado x Entrevistador

Assim como a presença do pintor e do objeto a ser representado é fundamental para a realização de uma pintura, as figuras do entrevistador e do entrevistado também o são

para a construção de uma entrevista. Isso porque todo o processo ocorre em torno deles, e a postura adotada por cada um interfere no resultado da entrevista. Pensando dessa forma, teóricos como Lage (2005) e Amaral (1997) argumentam sobre a necessidade do entrevistador ser superior ao entrevistado. Segundo eles, cabe ao primeiro a responsabilidade na condução da entrevista, pois, conforme Medina (2008), “no fundo, todos os entrevistados ambicionam levar na conversa qualquer repórter”. Todavia, Medina (2008) esclarece que o entrevistador não deve se sentir pressionado a colocar em prática as regras que traz da redação do jornal – como a necessidade de cercar com perguntas difíceis o entrevistado na tentativa de obter respostas a qualquer custo.

Nas entrevistas de Lispector essas duas figuras constantemente visitam os mesmos espaços. Essa inversão livre dos papéis não simboliza o desconhecimento de Clarice sobre as técnicas impostas pelos manuais de jornalismo. Ela as conhecia, contudo evitava ao máximo fazer uso delas, pois atribuía à entrevista uma natureza de liberdade, onde não há o Eu e o Tu, mas sim o Eu com o Tu. Clarice ora é entrevistada, ora é entrevistadora, o que rompe com o modelo convencional de produção jornalística. Essa postura pode ser vista em todas as suas entrevistas, como quando conversa com a escultora Maria Martins. Ao responder sobre as dificuldades da vida diplomática ao lado do marido para Lispector, a entrevistada a interpela.

Maria Martins: [...] E você, Clarice, qual é a sua experiência de vida diplomática, você que é uma mulher inteligente?

Clarice: Não sou inteligente, sou sensível, Maria. E, respondendo à sua pergunta: eu me refugiei em escrever. (LISPECTOR, 2007, p. 187).

Conversando com Tom Jobim, Clarice também se deixou envolver e acabou respondendo às perguntas do músico, que passou a assumir o papel de entrevistado. O leitor que se deparar com a entrevista neste ponto, pode ser levado a pensar que Clarice não está ali como jornalista, e sim como entrevistada.

Tom Jobim: [...] Quero te fazer esta pergunta, Clarice, a respeito da leitura dos livros, pois hoje em dia estão ouvindo televisão e rádio de pilha, meios inadequados. Tudo o que escrevi de erudito e mais sério fica na gaveta. Que não haja mal entendido: a música popular considero-a seriíssima. Será que hoje em dia as pessoas estão lendo como eu lia quando garoto, tendo hábito de ir para a cama com um livro antes de dormir? Porque sinto uma espécie de falta de tempo da humanidade – o que vai entrar mesmo é a leitura dinâmica. Que é que você acha?

Clarice Lispector: Sofro se isso acontecer, que alguém me leia apenas no método vira-página dinâmico. Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse como o seu, Tom. E, no entanto, o cômico é que eu não tenho mais paciência de ler ficção.

Tom: Mas aí você está se negando, Clarice! (LISPECTOR, 2007, p. 110-111).

Mesmo tendo que comandar a entrevista - como afirma Lage (2005) - Clarice, enquanto jornalista, não parece sentir-se incomodada com a nova posição. Responde às perguntas feitas pelos seus entrevistados com destreza e agilidade, embora fosse conhecida por não conceder entrevistas – as poucas vezes em que foi entrevistada mostrava-se evasiva, silenciosa e monótona, oferecendo como resposta a simples frase “não sei, é segredo” às perguntas mais inofensivas: como acontecia seu processo de produção literária, por exemplo. Dizia que sentia medo de que distorcessem as suas palavras. E era em suas entrevistas, por meio das perguntas realizadas por ela e por seus entrevistados, que ela se revelava, sem receios.

É dessa forma que Clarice realiza suas entrevistas: ora ela conduz, ora é conduzida. Uma inversão proposital que se assemelha ao movimento não linear da vida motivada pela necessidade que Lispector sentia em compreender o outro. O resultado deste comportamento transgressor é uma entrevista que extrapola a estrutura convencional e revela o ser humano despido da obediência aos padrões, semelhante à liberdade da palavra.

A Vida como Principal Personagem

Para Clarice a vida sempre foi um enigma. Suas entrevistas, assim como suas obras literárias, buscavam incessantemente as respostas que tanto a atormentavam desde a infância: a vida lhe foi concebida na esperança de que a doença da mãe se extinguisse, como acreditavam os antigos. No entanto, seu nascimento resultou no efeito contrário – a mãe ficou mais enferma e nunca conquistou a cura.

Em cada palavra de Clarice percebe-se a procura por esse entendimento que deságua na entrevista humanizada de Medina (2008), pois independente do perfil do entrevistado – seja ele músico ou jogador de futebol – a vida sempre terá papel de destaque, pois ela é o centro das atenções, é o personagem principal. Os prazeres e dissabores da vida, assim como os mistérios, as angústias, as alegrias e conquistas do entrevistado é que nortearão a condução da entrevista clariceana.

No entanto, as indagações sobre a vida são feitas de maneira sutil, mas com a mesma curiosidade inquietante característica de Clarice. Ao conversar com Vinícius de Moraes, o aborda com uma pergunta que faria a si mesma, na tentativa de encontrar na resposta do “poetinha”, um sentido para a sua. “Vinícius, você já se sentiu sozinho na vida?

Já sentiu algum desamparo?” (LISPECTOR, 2007, p. 106). São questionamentos que denunciam o modo como Lispector vê e sente o mundo que encontramos em cada uma de suas entrevistas.

Percebe-se que a tentativa de compreender a vida foi o que mais machucou Clarice quando a mesma questiona seus entrevistados sobre assuntos que marcaram a trajetória dela – não enquanto jornalista ou escritora, mas como mãe, mulher, ser humano.

Na conversa com a artista plástica Maria Martins, as indagações sobre a vida prevalecem. A cada questionamento evidencia-se a necessidade de Clarice em compreender o que para ela é um mistério.

Clarice: Se você tivesse que recomeçar sua vida do início, que destino escolheria, se é que se escolhe destino?

Maria: Eu seria um artista como sou, livre e libertada.

Clarice: Maria, a vida é difícil. Mas vale a pena viver?

Maria: Vale, Clarice, porque a morte, afinal, é a última coisa de onde a gente não pode voltar. Apesar de tudo, acho a vida uma beleza. (LISPECTOR, 2007, p. 190).

As indagações de Clarice sobre o que é o viver se fazem presentes em todas as suas entrevistas. A Veríssimo, ela pergunta: “Érico, qual sua maior alegria como escritor? [...] E como o homem, qual foi sua maior alegria? [...] Que é que você mais quer no mundo, Érico?” (LISPECTOR, 2007, p. 41). Perguntas que se tornaram clássicas nas entrevistas clariceanas e que fogem, mais uma vez, da pretensa objetividade jornalística, como nessa conversa com Jobim.

Clarice: Vou agora lhe fazer as minhas três perguntas clássicas. Qual a coisa mais importante do mundo? Qual é a coisa mais importante para a pessoa como indivíduo? E o que é o amor?

Jobim: A coisa mais importante do mundo é o amor. Segunda pergunta: a integridade da alma, mesmo que no exterior ela pareça suja. [...] Quanto ao que é o amor, amor é se dar, se dar, se dar. Dar-se não de acordo com o seu *eu* – muita gente pensa que está se dando e não está dando nada – mas de acordo com o *eu* do ente amado. Quem não se dá, a si próprio detesta, e a si próprio se castra. Amor sozinho é besteira. (LISPECTOR, 2007, p. 116).

Com Buarque, as mesmas perguntas clássicas, porém, aqui, compartilha a ausência de uma resposta definitiva. Atitude que comprova a sua real busca em desvendar o enigma que permeia a vida.

Clarice: Qual é a coisa mais importante do mundo?

Chico: Trabalho e amor.

Clarice: Qual é a coisa mais importante para você, como indivíduo?

Chico: A liberdade para trabalhar e amar.

Clarice: O que é o amor?

Chico: Não sei definir, e você?

Clarice: Nem eu... (LISPECTOR, 2007, p. 104).

Em cada uma de suas entrevistas, Clarice revela seu desprendimento às técnicas e a “desobediência” aos padrões, pois indagar sobre temas tão subjetivos não faz parte da essência jornalística, e sim literária, como afirma Bulhões (2007). Este comportamento de Lispector resulta em uma entrevista que mais se assemelha a uma conversa, onde as duas figuras se encontram e se entendem por meio das palavras – principalmente aquelas que não foram ditas. Tratar a vida como prioridade é a demonstração da confiança mútua existente entre Clarice e o entrevistado.

A Estrutura da Entrevista Clariceana

A entrevista realizada por Clarice em nada difere de outras. É elaborada da mesma forma por meio de perguntas e respostas que se alternam. No entanto, há uma diferença que torna as entrevistas clariceanas ímpares: a sensibilidade no registro do conteúdo. Quem se depara com uma dessas entrevistas percebe o distanciamento do modelo convencional utilizado no jornalismo, pois em cada uma delas evidencia-se que a prioridade na produção jornalística de Clarice não é apenas a reconstrução dos fatos, mas o resgate das sensações que cada acontecimento despertou no entrevistado.

Esta descrição pode ser encontrada logo nas primeiras linhas da entrevista. Antes de iniciar suas perguntas, Clarice comumente faz uma breve apresentação do entrevistado, expondo suas expectativas em relação à entrevista e revelando algumas de suas impressões, além de descrever as circunstâncias em que a entrevista foi construída, como na conversa com Zagallo.

[...] Zagallo é moço, fino de corpo, as pernas não são deformadas por uma musculatura violenta, como as de certos jogadores profissionais, é meio alourado. É o tipo do bom rapaz e do bom colega. Senti-o logo que me apresentei a ele e disse-lhe em que trabalhava. A partir desse momento ele me chamou sempre de “você” e me tratou como se trata um colega de trabalho, trabalhos diferentes, mas trabalho. Estávamos sentados no barco do jardim do Botafogo, conversando às pressas porque o treino já ia começar: fazia vento, as folhas das árvores do inverno caíam sobre nós, minhas folhas de papel para anotações voavam, Zagallo ria e ajudava-me a apanhá-las, enquanto minha simpatia se transformava em ternura pelo nosso povo que Zagallo representava naquele momento. (LISPECTOR, 2007, p. 219).

É dessa forma que Lispector apresenta seus entrevistados: buscando uma definição para cada um deles, o que demonstra, mais uma vez, sua ânsia em obter respostas. Ao

apresentar Vinícius de Moraes, o define em apenas três palavras: mulher, poesia e música. Os elementos mais representativos da vida do poeta.

Clarice apresenta um perfil humanizado do entrevistado, cuja entrevista não tem como objetivo *glamorizar* ou condenar a pessoa entrevistada. “Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2008, p. 18). Este mergulho também é feito por Clarice, ela não se posiciona fora desse contexto – como já foi evidenciado na primeira categoria. O envolvimento de Clarice nas perguntas é evidente. Ela emite opiniões e aconselha, como na conversa que teve com o músico Chico Buarque.

[...] Chico, você já experimentou sentir-se em solidão? Ou sua vida tem sido sempre esse brilho tão justificado? Chico, um conselho para você: fique de vez em quando sozinho, senão será submergido. Até o amor excessivo dos outros pode submergir uma pessoa. (LISPECTOR, 2007, p. 103).

Uma postura que pode ser erroneamente entendida como o desconhecimento das técnicas jornalísticas. Enquanto jornalista, Clarice elabora suas próprias regras, a principal delas é de se expor. “Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança dos meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem” (LISPECTOR, 2007, p. 10). Ela reconhece que suas entrevistas são incomuns, que fogem do padrão jornalístico, mas afirma que são mais interessantes que outras tomadas pela técnica, pois as que ela produziu revelam o inesperado dos entrevistados, não apresentam apenas perguntas e respostas frias, não são entrevistas que engessam o sentimento e nada revelam. No diálogo que teve com Fernando Sabino, Clarice revela na pergunta seu posicionamento.

Por que você, Fernando, com o grande talento que tem, só escreveu um romance? Teve tanto sucesso que isso deveria incentivar você a produzir mais. Ou o sucesso atrapalhou você? A mim quase que faz mal: encarei o sucesso como uma invasão. (LISPECTOR, 2007, p. 33).

As “armadilhas” de Clarice revelam a postura desafiadora dela enquanto jornalista, que se expõe no intuito de deixar o entrevistado mais à vontade diante de suas indagações. Apesar de ser considerada tímida e muito reservada, é em suas entrevistas que a verdadeira Clarice se mostra. O resultado dessa postura é uma conversa leve e descontraída sobre a vida e as coisas que fazem parte do contexto de cada um.

A entrega de Clarice em suas entrevistas é notória. Na conversa que teve com o poeta Ferreira Gullar, Lispector relata as sensações afloradas ao ler o *Poema Sujo*: “você me fez sentir uma criança diante de uma selva ou de um altíssimo monumento. E quando

“você falou em “noites envenenadas de jasmim” – pois bem, senti-me de volta a Recife, que é a minha terra”. (LISPECTOR, 2007, p. 52).

Outra característica das entrevistas de Clarice que fere a obediência aos padrões jornalísticos é a realização de várias perguntas ao mesmo tempo, atitude contrária à conduta defendida por Amaral (1997), cujo conselho se refere à realização de uma pergunta por vez ao entrevistado para que este não deixe de responder a nenhum questionamento. Tudo para garantir a pretensa imparcialidade e objetividade jornalísticas. Com Rubem Braga, um exemplo de como as perguntas eram desencadeadas pela escritora-jornalista. O escritor, no entanto, organiza as ideias e responde calmamente.

Clarice: É verdade que você amou muito? E que é que você mais queria na vida? Qual a sua atitude diante da morte?

Rubem: Começarei pelo fim, isto é, pela morte. Não anseio por ela, mas também não morro de medo. Tenho experiência bastante para poder dizer que não tenho medo da morte em si mesma. Meu medo é da má doença, da dor, da impotência, da humilhação. Além disso, acho na ideia da morte um grande consolo. Quanto ao amor é verdade que amei muito e amei errado, com demasiada paixão. Mas alguém ama certo? (LISPECTOR 2007, p. 19).

Percebe-se ainda que Lispector não se permite abater ou se dar por vencida quando sua pergunta não alcança a resposta esperada. Ao pedir que Vinícius de Moraes fale sobre música, ele rebate: “Não falo de mim como músico, mas como poeta. Não separo a poesia que está nos livros da que está nas canções” (LISPECTOR, 2007, p. 106). A entrevista percorre seu curso, até que mais à frente, Lispector retoma a pergunta: “Você quer falar sobre música? Estou escutando” (LISPECTOR, 2007, p. 107). E dessa vez ele responde, o que a deixa satisfeita.

Clarice também não se mostra constrangida em perguntar algo que seja desconcertante para o entrevistado, como na conversa que teve com Érico Veríssimo: “Os críticos, pelo que ouvi dizer, acham você pouco profundo. Que me diz disso?” (LISPECTOR, 2007, p. 40). A resposta do escritor é leve. “Lembro-me de um escritor francês que costumava dizer que *un pot de chambre est aussi profond*. Mas, falando sério, concordo com os críticos: não sou profundo. Espero que me desculpem” (LISPECTOR, 2007, p. 40).

A confiança mútua existente na entrevista pode ter favorecido o desprendimento do escritor na resposta. O entrevistado demonstra confiar em Clarice e, por isso, não se sente constrangido ou intimidado em responder a esta pergunta que, para muitos, seria motivo de fuga.

Este modelo de abordagem utilizado por Clarice degusta do pensamento de Medina (2008). Todavia, diverge em alguns aspectos. Uma das orientações é que o jornalista não estruture os questionamentos de maneira aleatória. Uma pergunta embaraçosa, por exemplo, deve ser feita quando o entrevistado estiver mais à vontade. Não é aconselhável, portanto, começar uma entrevista com uma indagação que iniba o entrevistado. Clarice rompe e transgride com esse modelo de roteiro pré-pautado.

A entrevista que realizou com o ator Jardel Filho revela este comportamento. Logo em sua apresentação habitual, ela expõe que com ele a vontade que sentia era de fazer uma entrevista do gênero ginásial, típica daqueles cadernos floridos com perguntas dispostas como um questionário, que trata sobre a vida, amores, desilusões. E desabafa – pela dificuldade que colocaria nessas perguntas e pela tamanha exigência de definições: “fiquei previamente com pena de lhe fazer perguntas que eu mesma não saberia responder. Mas, como se verá, Jardel não se perturbou” (LISPECTOR, 2007, p. 152). E a primeira pergunta reflete o que ela quis dizer na apresentação: “O que é o amor, Jardel?”. A entrevista com o ator é uma das que Clarice se mostra mais ousada: a subjetividade e a parcialidade estão no ápice.

Clarice: De que maneira para você seria embaraçosa uma pergunta minha?

Jardel: Clarice, a admiração que tenho por você é imensa. Respeito você como criatura humana e o nosso relacionamento me traz uma enorme felicidade e ao mesmo tempo me embaraça.

Clarice: Por que sou embaraçosa?

Jardel: Quando se contempla uma obra de arte, quando se assiste a um espetáculo, quando se ouve música, quando nos transportamos a um sentimento mais amplo de emoção, você se sente embaraçado. Você me causa essa sensação. (LISPECTOR, 2007, p. 154-155).

Com Nelson Rodrigues, uma das entrevistas mais reveladoras. Em sua apresentação, Lispector relata: “é um homem tão cheio de facetas que lhe pedi apenas uma: a da verdade. Ele aceitou e cumpriu” (LISPECTOR, 2007, p. 28). No fim, ela o questiona se alguma entrevista se assemelhava a que eles tinham acabado de construir. Ele responde: Não, eu estou fazendo um esforço, um abnegado esforço, para não trapacear nem com você nem com o leitor. [...]” (LISPECTOR, 2007, p. 31). Clarice, então, o interpela novamente: “Você gostou de me dar esta entrevista?” (LISPECTOR, 2007, p. 31). De imediato, Nelson responde: “Gostei profundamente. O que conta na vida são os momentos confessionais.” (LISPECTOR, 2007, p. 31).

Essas entrevistas, que rompem com o padrão exigido aos jornalistas, possuem uma característica singular: elas evidenciam e despertam a emoção não só em Clarice e no

entrevistado, mas também no leitor. Caputo (2006) afirma que o jornalista deve escrever sentindo a vida, observando o que está ao seu redor, pois “se não nos impregnarmos de vida enquanto vivemos/escrevemos, matamos nossa escrita e nosso corpo torna-se apenas uma casca, um invólucro para nosso texto morto (CAPUTO, 2006, p. 33).

No palco das entrevistas clariceanas há a tentativa – muitas vezes angustiante - de enxergar o outro, não somente pela sua face, mas principalmente pelo seu interior com todas as falhas inerentes ao ser humano. Nessas entrevistas as grandes personalidades brasileiras são desmistificadas, pois em nenhuma delas a prioridade é relatar a vida *glamorosa* dos entrevistados.

A entrevista e o Universo de Clarice Lispector

Esteticamente jornalística, a entrevista, é o gênero que mais define o jornalismo como tal, pois o seu *fazer* começa a partir dela. Em sua estrutura fixa, de perguntas e respostas bem articuladas, percebe-se a rigidez das regras jornalísticas. Orientado a escrevê-la, o jornalista não permite que a subjetividade inerente a todo ser humano perturbe a mumificação de suas palavras. O profissional da notícia é condenado a não sentir os fatos, apenas descrevê-los, objetivamente.

Nas entrevistas de Lispector percebe-se a convergência natural entre o jornalismo e a literatura e, com isso, a desconstrução deste gênero tão jornalístico. De longe, sua produção jornalística é semelhante às outras, mas aqueles que se atrevem a se aproximar percebem o quanto de humano há em suas palavras. Nelas não há somente a descrição dos fatos que permearam a vida do entrevistado, mas as sensações que estas circunstâncias provocaram nele. A inversão de papéis, onde ela inúmeras vezes se permite ser a entrevistada, numa exposição considerada por ela mesma, ousada, é um dos fatores que promovem esta desconstrução.

Percebe-se ainda que a imparcialidade era algo que não existia em sua produção jornalística, já que Clarice costumava dizer que a entrevista era um sucesso, quando no fim da conversa ficava amiga do entrevistado, uma atitude condenável para os padrões jornalísticos.

É perceptível que a atitude transgressora de Lispector enquanto jornalista tenha provocado a mudança da natureza da entrevista, já que esta passou a ser livre ao rejeitar as técnicas, ao fazer uso da linguagem não apenas como meio para propagar algo, mas como instrumento transformador capaz de sentir e descrever as nuances da vida. Em muitos

momentos, percebe-se a presença predominante da Clarice escritora, em outras a Lispector jornalista, mas em nenhum instante, durante o ato de realização da entrevista, uma é abandonada pela outra - ambas se complementam e provocam este resultado que constatamos.

A prática adotada por Clarice Lispector – cuja produção jornalística é marcada por vestígios literários – revela que a convergência entre jornalismo e literatura pode resultar, em determinadas situações, na desconstrução de gêneros predefinidos. Suas entrevistas, publicadas na coluna *Diálogos Possíveis com Clarice Lispector*, fazem realmente jus ao nome: eram realmente possíveis, eram um mergulho no mundo do entrevistado, mas, sobretudo, no universo clariceano.

Referências bibliográficas

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: Matéria de Primeira Página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

BAHKTIN, Mikhael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CLAIRE, Williams. In: LISPECTOR, Clarice. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: manual de comunicação**. São Paulo: Edusp, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **De corpo inteiro**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.